

# O contexto escolar Terena na perspectiva dos professores e a construção de uma educação diferenciada

*The Terena school context from the perspective of the teachers and the construction of a differentiated education.*

Marta Regina Brostolin\*

Simone de Figueiredo Cruz\*\*

Fernando Azambuja de Almeida\*\*\*

\* Mestre em Educação e Doutora em Desenvolvimento Local.(Universidade Complutense de Madri). Professora da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: brosto@ucdb.br.

\*\* Mestre em Educação (UCDB), atuando na área educacional do SESI, MS. E-mail: simonefc66@hotmail.com.

\*\*\* Mestrando em Educação (UCDB), desenvolvendo pesquisas na temática indígena.  
E-mail: azambujahist@yahoo.com.br.

## Resumo

Este texto apresenta um recorte de um trabalho mais amplo que se estrutura em três eixos: memória histórica, meio ambiente e processos de aprendizagem e ensinagem, sendo o foco os professores da escola Alexina Rosa Figueiredo, da Aldeia Buriti, Terra Indígena Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti, MS. A pesquisa está fundamentada nos estudos sobre as culturas, na perspectiva intercultural, considerando os aspectos psicopedagógicos, antropológicos e históricos de territorialidade e sustentabilidade destes povos. A etapa empírica baseia-se em entrevistas e os resultados ainda parciais demonstram o desejo e a necessidade da reconstrução do projeto político pedagógico. Os professores afirmam estarem avançando nesse processo de forma gradual, percebendo-se uma maior mobilização dos mesmos ao buscarem apoio nas universidades e com pesquisadores para viabilizarem seus projetos, entre eles a experiência de elaborar material didático na língua terena e portuguesa centrado nos saberes locais como subsídio de uma proposta diferenciada.

## Palavras-chave

Professores Terena. Educação escolar. Educação diferenciada.

## Abstract

This paper presents part of a broader work that is structured in three areas: historical memory, environment, way of learning and teaching and focus are school teachers Alexina Rosa Figueiredo, Village Buriti Buriti

Indigenous Land, city of Two Brothers Buriti, MS. The research is based on studies of cultures in intercultural perspective, considering the psycho-pedagogical, anthropological and historical territoriality and sustainability of these people. The empirical stage is based on interviews and the results are still partial demonstrate the desire and the necessity of rebuilding political pedagogical project. The teachers claim to be advancing this process gradually realizing a greater mobilization of the same by seeking support from the universities and researchers to permit their projects, among them, the experience of preparing teaching materials in the language and Portuguese Tereno focused on local knowledge allowance as a different proposal.

### **Key-words**

Terena teacher. School education. Differentiated education.

### **Considerações iniciais**

Este trabalho apresenta resultados parciais, sendo um recorte de um projeto mais amplo que se estrutura em três eixos: memória histórica, meio ambiente e processos de aprendizagem e ensinagem, tendo por universo de pesquisa neste texto os professores terena da Escola Alexina Rosa Figueiredo, Aldeia Buriti, situada na Terra Indígena Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti, MS.

A pesquisa está fundamentada nos estudos sobre as culturas, na perspectiva intercultural, considerando os aspectos psicopedagógicos, antropológicos e históricos de territorialidade e sustentabilidade destes povos. A revisão literária traz contribuições significativas que abrem as discussões para situar uma proposta de etnoeducação que está sendo construída pela comunidade escolar representada pelos professores da E. M. Alexina Rosa Figueiredo.

Considerar o processo histórico de constante territorialização dos Terena e suas implicações fez-se importante nesta pesquisa, para situar os processos pelos quais os

Terena da Aldeia Buriti passaram. É preciso entender que não há possibilidade de as populações indígenas seguirem com seu modo de viver sem seus territórios<sup>1</sup>, indispensáveis à vida.

A luta pelos territórios, que se arrasta ao longo da história, também representa a reivindicação à participação nas relações de poder da sociedade. Brand (2001, p. 37) afirma que a “constante luta pela garantia dos territórios e de seus recursos naturais, ocultou e segue ocultando um problema mais profundo, que é o da negação do outro, do diferente, como alguém plenamente humano e com os mesmos direitos”. Nesta dimensão, se pode considerar os 500 anos de colonização, também, como de luta por parte das populações indígenas pelo direito de seguirem sendo o que são ou queiram ser: sociedades etnicamente diferenciadas. Neste contexto histórico é que se devem situar as estratégias indígenas de resistências<sup>2</sup> que permitem compreender as relações dos aprendentes e ensinantes e as dificuldades por eles enfrentadas na construção de uma escola diferenciada.

Fernández (1991) aponta alguns aspectos fundamentais no aprender e ensinar

de qualquer indivíduo, como: organismo, corpo, inteligência e desejo. O processo de aprendizagem e as relações que o envolvem ocorrem em meio a um momento histórico-cultural no qual os aspectos pertencentes ao indivíduo podem ao mesmo tempo favorecer ou não sua relação com o ensinar e o aprender. O significado do aprender varia conforme a cultura, considerando uma ação complexa que exige esforço e significado.

As indagações sobre ensinantes e aprendentes continuam provocando os paradigmas educacionais independentes da cultura, provocando uma série de reflexões nos processos e práticas educativas. Tanto a experiência quanto a investigação mostram que os processos de ensino e aprendizagem constituem um corpo conceitual objetivo e subjetivo cada vez mais complexo, evocando neste caso, noções de interculturalidade.

Mangolin (1999) evidencia que a escola indígena foi ou ainda é gerida fora do contexto indígena. Mas, pode se transformar em um lugar de articulação de informação, práticas pedagógicas e reflexões destes povos sobre seus passados e futuros servindo de orientação do seu lugar no mundo globalizado. A educação escolar pode potencializar e abrir possibilidades de vida, considerando como processo de construção do conhecimento intercultural, propiciando o diálogo entre a educação indígena e a educação escolar formal.

De acordo com Fleuri (2001, p. 132), a perspectiva intercultural “busca desenvolver a interação e a reciprocidade entre grupos diferentes, como fator de crescimento

cultural e de enriquecimento mútuo” provocando a desconstrução dos modelos unívocos e etnocêntricos. Exige abertura para deixar as certezas e verdades, descentrando-se e possibilitando uma nova maneira de pensar e de se relacionar com o outro.

Uma educação intercultural se propõe a ressignificar as relações entre as pessoas culturalmente diferentes umas das outras, visando à alteridade mediante processos democráticos e dialógicos. Entende-se que a cultura define o modo de pensar a vida e de se colocar no mundo. É uma maneira peculiar de como se vê o outro e é construída conforme os símbolos e significados aprendidos com os adultos significativos do contexto cultural. Tudo que se ensina emite e pauta-se em signos, todo o aprender e ensinar é uma interpretação e apropriação simbólica de uma cultura.

Nesta perspectiva, a construção da relação ensinantes e aprendentes só pode ser pensada no contexto cultural. Entretanto, como discutir esta relação se há muito a conhecer sobre o paradigma indígena? Urge então conhecer e valorizar o processo histórico educativo vivido na aldeia, estabelecendo o intercâmbio entre os saberes tradicionais e os novos conhecimentos. Refletir sobre como se dá a relação ensinante e aprendente, sem perder de vista o contexto histórico e as construções iniciais de identidade e cultura, transformou-se em uma proposta desafiadora para os professores da EM Alexina Rosa Figueiredo, da Aldeia Buriti. A experiência vivenciada por eles no sentido de realizarem um levantamento dos sa-

beres locais com vistas à elaboração de material didático na língua terena e portuguesa a ser utilizado nas aulas é o foco deste trabalho, portanto, conhecer esta comunidade e realidade torna-se imprescindível.

## **Os Terena: de quem estamos falando?**

Das etnias que vivem em MS, os Terena são os que estabelecem e mantêm estreitas relações com a comunidade não índia envolvente. Os dados históricos comprovam essas relações que foram sempre marcadas por tensões e negociações.

A história desses povos evidencia a constante desterritorialização, isto é, as repetidas perdas dos seus territórios pelas quais passaram. Os movimentos de mudanças no Chaco, a chegada no Brasil e os alargamentos de fronteiras territoriais vividas em terras brasileiras sempre lhes custaram atritos diretos com outros índios e, especialmente, com os não índios (VARGAS, 2003).

O transitar do Terena de um lugar para o outro não favoreceu o abandono do seu jeito de ser, nem da sua cultura. Esta atitude perspicaz do Terena que marcou a sua trajetória só foi possível por meio das negociações. Para Hall (1997, p. 82), a negociação é “uma demanda que surge no interior de uma cultura específica, se expande e seu elo com a cultura de origem se transforma ao ser obrigada a negociar seus significados com outras tradições, dentro de um horizonte mais amplo e agora inclui ambas”.

As desterritorializações que os Terena enfrentaram foram quase sempre induzidas

por colonizadores que desejavam conquistar territórios e riquezas. Em contrapartida, as territorializações foram cuidadosamente tecidas pelo jeito Terena de ser.

Desta forma, considerar o processo histórico de territorialidade (as lutas em torno da posse e garantia de territórios) e suas implicações para os Terena fez-se importante neste estudo para situar os processos pelos quais estes povos já passaram. Não há possibilidade de as populações indígenas seguirem com seu modo de vida sem terra, apesar de terem incorporado em seu dia a dia muito dos hábitos e costumes dos não índios.

Lutar pelos territórios representa participar das relações de poder que envolvem a sociedade e a sobrevivência étnica e cultural destes povos. Compreender a territorialização é necessário para entender os Terena. Segundo Oliveira (1999, p.20), territorialização pode ser definido como:

[...] um processo de reorganização social que implica: criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; a constituição de mecanismos políticos especializados; a redefinição de controle social sobre os recursos ambientais; a reelaboração da cultura e da relação com o passado.

Portanto, a questão territorial diz respeito as suas próprias reorganizações sociais, culturais e porque não dizer de sua própria identidade étnica, ressaltando que todo indivíduo é construído culturalmente no espaço e grupo ao qual pertence.

Ao mesmo tempo em que os Terena foram se reorganizando em outros territórios por conta dos acontecimentos históri-

cos, suas identidades culturais foram se traduzindo. Por este ângulo, podemos compreender que o constante processo de territorialização permitiu aos Terena a resignificação e a manutenção de sua identidade étnica.

A identidade Terena passou por traduções<sup>3</sup> ao longo das interações estabelecidas com os não índios. A memória é ponto de apoio para que as tradições dos antepassados não se perdessem. Segundo Oliveira (1999, p. 36), “um indivíduo ou grupo indígena afirma sua etnia contrastando-se com uma etnia de referência [...], seja tribal ou nacional”. O sentido de pertença só é invocado quando está em confronto com membros de outra etnia. A identidade étnica é contrastiva, implicando a afirmação do nós diante dos outros. Esta afirmação se dá por meio da diferenciação em relação a outra pessoa ou grupo com quem se defronta.

O povo Terena em particular sobreviveu a um sistema monocultural no qual vivenciou processo de integração e homogeneização, sofrendo discriminação, preconceito, marginalização de seu conhecimento tradicional, de sua identidade e de sua cultura. É nesse ambiente que se constitui o sujeito Terena, na relação com seus pares, com a mãe terra (com quem têm um vínculo de vida), com as suas tradições (que luta para resgatar e manter) e com a incorporação ao seu patrimônio cultural de pautas e equipamentos culturais de outros povos, o que lhe favorece a adaptação em outros ambientes e lhe garante a sobrevivência.

Para ampliar o entendimento dessa dinâmica relacional dos Terena com o meio,

faz-se necessário trazer um pouco do cotidiano da população pesquisada. É uma comunidade formada por aproximadamente 848 pessoas, 221 famílias (FUNASA, 2010), subdivididas em 11 vilas (trancos familiares), cada uma tem o seu líder e, junto com o cacique, formam o Conselho Tribal da aldeia. Predomina a religião católica, as festas e os rituais são ligados aos acontecimentos que lembram Poké – a terra (plantio, colheita e outras atividades estacionais) sobreviveram na atualidade, encaixados dentro do calendário cívico-religioso cristão, junto com outras comemorações que adotaram: Dia do Índio, Dia de São Sebastião, São João, Finados...

A maioria dos habitantes do Buriti não fala mais o idioma materno. Entretanto, existe iniciativa na aldeia que visa resgatar, através das histórias contadas pelos idosos, a história Terena. Nesse propósito, a escola vem realizando um trabalho de revitalização da língua, introduzindo em seu currículo aulas de Terena, fato este confirmado pelos professores:

[...] eu acho é o seguinte que não só a escola, por exemplo, onde eu trabalho, mas como a comunidade inteira precisa de buscá novamente a língua Terena que já tá no esquecimento há muito tempo. Olha, eu quando era criança em 1954 a aldeia inteirinha falava a língua Terena, aí a partir de 1965 pra cá aí já começou [...] A Língua Terena ir sumindo devagarzinho, com aquele povo antigo foram falecendo, e aí os novos pais não botaram em prática aquilo que era necessário pra nossa comunidade, hoje a gente tem que buscá, incentivá as crianças, talvez os pais, as mães prá pode levá os seus filhos a escola aprender falar a língua Terena (Prof. Ramão Alves).

Além do artesanato, o importante que a gente cita sempre é o resgate da nossa língua, para que nós pudéssemos [...] Porque através da língua que nós se identificamos (Prof. Ramão Ramires).

A medicina tradicional ainda é praticada na aldeia pelo pajé bem como o uso de ervas. As danças do Bate Pau (masculina) e Siputrema (feminina) estão sendo retomadas, principalmente, através do incentivo da escola, assim como a língua, o artesanato e a cerâmica, embora, devido à degradação do meio ambiente, a matéria prima praticamente inexistente. Em sua entrevista, o Prof. Noel Patrocínio, de 76 anos, revelou o reavivar da dança na aldeia Buriti.

Quando cheguei aqui faltava o cultivo da dança, muitos não conheciam mais, quando fui contratado como professor em 1981, na escola da Aldeia Córrego do Meio conheci o filho do cacique Gabriel, Gervásio Gabriel ele sabia dança e tocava pifi (flauta de taboca) e Osorinho, um idoso da aldeia, tocava sanfona. Eles gostavam e animavam as festas e bailes. Então, trouxe para esta escola os dois para ensinar e ensaiar a dança, a roupa e assim contaminei a juventude e começamos a dançar (bate pau os homens e Ema as mulheres) aqui na Buriti. Revivi, reacendi o fogo que estava apagado. Hoje Gerson e Arildo que são mestres da dança.

Apesar do contato intenso com outras culturas e o fenômeno da globalização que invade e altera a cultura, os Terena conseguiram manter sua identidade cultural mediada pelas tradições (aspectos da identidade oriundas do sentimento de pertencimento à cultura étnica, racial, linguística, religiosa e nacional) e traduções (as-

pectos resultantes dos deslocamentos, da descontinuidade, da hibrididade e dos deslizamentos). Neste cenário de interferência, busca-se pensar a educação escolar oferecida na escola e a construção de uma proposta diferenciada fundamentada num diálogo intercultural.

### **O contexto escolar Terena na perspectiva dos professores e a construção de uma educação diferenciada**

Na aldeia Buriti, a educação escolar existe desde a década de 30. Teve seu início entre os anos de 1935 a 1940, quando surgiu a primeira escola na aldeia, com o nome de XV de Novembro, criada pelo SPI. A escola atendia uma média de 40 alunos e, muitas vezes, esse número diminuía devido à saída para as fazendas para trabalhar. Os professores não índios não tinham formação e era um professor por ano, sendo ensinado português em forma de ditado e algumas contas de matemática. A língua materna não tinha nenhuma influência no ensino naquele tempo, pelo contrário, havia um movimento pelo não-uso.

O fato de o ensino ser ministrado em português contribuiu para o quase desaparecimento da língua materna. Os conhecimentos tradicionais não incorporados aos conteúdos escolares e ministrados sem qualidade suficiente para ultrapassar os limites de uma educação formal caracterizaram uma escola rural. Esse modelo de educação para o índio configurou um gênero de ensino tradicional e integracionista no qual o professor assumiu o papel de

disciplinador como estilo de ensinagem e o aluno, impossibilitado de uma participação mais ativa, adotou um estilo de aprendizagem passivo, de receptor, ou mero espectador na relação ensino-aprendizagem.

Na atualidade, a forma como estão dadas as regras que sintetizam as relações entre adultos e crianças contribuiu para outro gênero e estilo de ensino e aprendizagem. Hoje, o processo de ensino aprendizagem é mais desafiador para o professor e também para os alunos, em virtude das múltiplas e complexas influências.

Nesse contexto, a partir do gênero de ensino adotado na escola, o professor desenvolve seu estilo próprio de ensinar. Fagali (2001) aprofunda suas pesquisas sobre o assunto e amplia seu significado, entendendo o estilo como uma forma muito particular de o sujeito se revelar, no contato consigo mesmo e com o outro, na sua forma de aprender e ou ensinar utilizando diferentes mecanismos de captação e processamento da realidade; um jeito próprio de expressão mediado por uma linguagem verbal ou não verbal; uma tendência a utilizar determinados padrões comportamentais e mecanismos de natureza afetiva, ao dialogar com as emoções.

A escola de Buriti desponta buscando o seu espaço, no desejo de criar o seu Projeto Político Pedagógico para que, dessa forma, a comunidade possa colocar em prática seus saberes locais. A escola hoje denominada Alexina Rosa Figueiredo é mantida pela Prefeitura Municipal de Dois Irmãos do Buriti. A estrutura física é de alvenaria e foi construída há uns cinco anos.

Atende em torno de 349 alunos da educação infantil ao ensino médio. O corpo docente e administrativo é formado por 23 professores indígenas, a maioria com formação superior.

A escola possui um projeto político pedagógico que em seu marco referencial traz uma identidade indígena, apresentando um histórico bem detalhado do processo de escolarização na aldeia e da luta da comunidade em prol dos direitos assegurados pela legislação brasileira. Respalda-se também nos referenciais curriculares da educação escolar indígena para traçar os objetivos e finalidades da educação escolar que deverão nortear o trabalho a ser desenvolvido no processo ensino aprendizagem.

Entretanto, quando se reporta à proposta curricular da escola, constata-se um hiato. A estrutura que se apresenta em nada difere dos programas das escolas da sociedade não índia. Os conteúdos relacionados às diversas áreas do conhecimento contemplam um currículo oficial que não condiz com a realidade indígena. Perante esta problemática, os professores reconhecem a necessidade de um planejamento participativo para reformular seu projeto político pedagógico já que, nesta primeira versão, nem todos tiveram a oportunidade de participar das reflexões, discussões e da elaboração, a qual ficou restrita à direção, coordenação e corpo técnico administrativo da Secretaria de Educação de Dois Irmãos do Buriti.

Embora o documento não faça referência ao fato, alguns professores vinham buscando inserir em suas aulas conhecimentos pertinentes aos saberes locais na tentativa de diminuir a assimetria existente

entre os conhecimentos universal e tradicional. Os depoimentos abaixo evidenciam essa iniciativa:

Educação diferenciada, concordo, a base de toda cultura deve e tem que ser respeitada. A constituição de 1988 abre as possibilidades para educação indígena, está no papel ainda não chegou na prática. Já temos pequenos fomentos é preciso continuar a luta (Prof. Noel Patrocínio).

O currículo da escola, a gente tá trabalhando em cima dele, então de acordo com todos os outros professores, coordenadores e direção, trabalhando para que eles possa realmente oferecer toda essa questões pra nós [...] tentando resgatar a nossa cultura, a nossa identidade realmente, não só na parte da cultura [...] Mas, no meio social da nossa comunidade, procuro dar minha opinião pra que nós possamos realmente trilhar um caminho melhor pra nossa comunidade (Prof. Ramão Firmino).

Bom, hoje agente tem uma coisa, já conseguiu espaço pra sala de aula, uma escola, agora ela é indígena, mas o currículo em si, o que veio pra gente ainda não é indígena, e nós tamos nessa luta, isso ainda não tá sendo bom né, não tá sendo bom porque tá sendo imposto pra nós, agente necessita de tê o próprio conhecimento local [...] (Profa. Edineide Bernardo Farias).

O desejo de ter uma escola verdadeiramente indígena é presente nos discursos dos professores da Escola Alexina, porém a realização deste desejo, ou seja, promover a articulação dos conhecimentos universais necessários à sobrevivência num mundo globalizado com os saberes locais que são transmitidos de forma oral de geração a geração, perpetuando a identidade

de dos Terena, é o grande desafio. Realizar essa costura de forma simétrica, isto é, levantar a memória histórica, registrá-la e colocá-la em prática através de um diálogo intercultural tem levado os professores a buscarem apoio nas universidades e com os pesquisadores.

Este é o cenário no qual se insere este trabalho. Assim, os professores passaram em fevereiro de 2010 por uma capacitação promovida pela Secretaria Municipal de Educação ministrada por um professor da Universidade Católica Dom Bosco, refletindo e discutindo temas tais como: planejamento, projeto político pedagógico, educação escolar indígena e legislação. Deve-se ressaltar que pela primeira vez acontece uma capacitação específica para os professores indígenas. Isto se deu em função de um movimento dos professores em defesa de uma formação continuada voltada para a realidade indígena e que contribua para a construção de uma etnoeducação.

Nessa proposta, desde julho de 2009, com o apoio de um grupo de pesquisadores do qual os autores fazem parte, os professores da escola Alexina vêm desenvolvendo um trabalho de investigação direcionado para o levantamento dos saberes locais com o propósito de elaborar material didático que subsidie uma proposta diferenciada. A metodologia de trabalho está delineada através de encontros mensais entre a equipe de pesquisadores e os professores da escola e o levantamento pelos mesmos dos saberes locais. Este trabalho consiste em pesquisar junto à comunidade, principalmente com os anciãos, os sa-

beres locais representativos da cultura e da identidade Terena. Estes dados, posteriormente, são digitados em forma de texto para compor o material didático.

Muitas reuniões já foram realizadas, nas quais os professores, geralmente organizados em duplas por afinidade de temas, apresentam seus relatos trazendo um material riquíssimo, até então desconhecido dos próprios professores. Nestes momentos, posicionam-se em defesa de sua cultura, da necessidade de uma escola indígena e de uma proposta pedagógica compatível com a realidade da comunidade. Alguns depoimentos ilustram essa vontade:

A aula de Terena na verdade é a segunda língua, pois, aqui nós não falamos a língua terena, porque a gente não sabe, só os mais velhos que sabem falar e escrever, aí nos alfabetizamos na língua portuguesa, e o professor Ramão Alves, meu pai, é o professor da língua Terena, os professores os alunos e os mais jovens daqui da aldeia Buriti não sabe falar a língua materna (Prof. Gerson Alves Pinto).

Os velhos estão morrendo e nós estamos incentivando agora as crianças a valorizar os mais velhos, agora nós estamos trabalhando assim tipo nesse bimestre que passou a trabalhar bastante com a oralidade com as crianças pequenas, falando na língua só para eles gravarem na memória, mas os pais não falam mais a língua, a criança sente dificuldade e já esquece o que falou na sala de aula (Prof. Ramão Pinto Alves).

É preciso usar a educação indígena para ensinar e estimular os jovens a participarem mais da preservação da cultura. A escola indígena tem como papel fundamental manter viva a nossa identidade e

ampliar a nossa cultura tradicional. É possível manter a cultura, mesmo com a proximidade da cidade. Nossa cultura está aí viva. Como, hoje em dia, ações importantes da aldeia estão morrendo juntamente com os idosos, os donos das tradições, a gente pensou: porque a gente não faz um registro da nossa cultura? (Prof. Noel Patrocínio).

Os livros dizem que o purutuye é o povo brasileiro. Mas, antigamente, os Terena não conheciam o povo brasileiro. É por isso que eu falo na escola que a gente tem que recuperar a nossa história Terena antes do contato com os purutytes e depois começamos a viver misturado no meio deles, esquecemos a nossa cultura e a nossa língua materna, agora que estamos tentando fazer a comunidade falar a língua, começamos com as crianças na sala, e começamos fazer um encontro com os papais e as mães para que falem em terena conversem em terena nos encontros, para a gente criar o hábito de falar a nossa língua, estamos confiante que vai dar certo (Prof. Ramão Pinto Alves).

O que se percebe, portanto, é que os professores entendem que a escola indígena diferenciada tem como objetivo assegurar às crianças o conhecimento e a valorização de sua cultura, bem como o fortalecimento da língua materna. Essa realidade vivenciada na aldeia Buriti se estende às demais aldeias Terena dessa e de outras terras indígenas. Atualmente, a escola e a educação são reivindicações muito presentes na vida dos Terena, pois compreendem que é através do conhecimento, ou seja, do domínio dessa ferramenta que é o saber do outro (do não índio), que lhes possibilitará a inserção no mundo globalizado, a

lutar por seus direitos assegurados pela legislação em busca de uma autonomia e melhoria na qualidade de vida.

## Considerações finais

Diante do exposto, constata-se que a educação escolar, apesar de fazer parte do contexto educacional indígena, é uma construção do não índio e é fundamental assegurar que este espaço seja interessante e significativo para o grupo étnico. É uma provocação a desconstrução dos modelos unívocos e etnocêntricos de educação, exigindo um novo pensamento e a disponibilidade para experiências de descentramento, deixando de lado as certezas.

No que tange à população Terena, representada neste estudo pelos professores da escola Alexina Rosa Figueiredo, da Aldeia Buriti, constata-se o desejo e a necessidade da reconstrução do projeto político pedagógico, trabalho este em andamento. Os Terena afirmam estarem avançando nesse processo de forma gradual, percebe-se uma maior mobilização dos professores e lideranças ao buscarem apoio nas universidades e com pesquisadores para viabilizarem seus projetos.

Mas, para que isto aconteça, deve-se chamar atenção para a urgência na formação inicial e continuada dos professores. Neste cenário, os professores desempenham um papel fundamental, através de suas ações pedagógicas, trazendo para a sala de aula os saberes tradicionais de seu povo, por meio da evocação da memória dos Terena, pois essa memória é mantida através dos laços afetivos de seu

grupo e é transmitida para as gerações futuras.

Esse processo ocorre de diferentes maneiras e, na Escola Alexina Rosa Figueiredo, os professores realizam um trabalho investigativo no sentido de levantar a história de seu povo através da memória de seus anciãos, trazendo esses conhecimentos para a escola, concretizando assim a educação da cultura. Através desse trabalho, os professores visam à formação de cidadãos que, no seu dia-a-dia, compartilharão de um mesmo espaço, com outros diferentes, não permitindo, entretanto, que esta diferença se traduza em desigualdades.

Por este caminho, a educação pode se propor a criar esta ponte entre o indivíduo e a aprendizagem para que ele possa se encontrar com mais dignidade e capacidade no mundo globalizado, desfrutando de seus direitos e deveres como cidadão, superando suas dependências, constituindo-se autor para gerir seu desenvolvimento.

## Notas:

<sup>1</sup> Brand, registros de aula em 2008, "a concepção de território para as populações indígenas tem como suporte a vida social ligada a um sistema de crenças e conhecimentos". É um espaço de afirmação de quem são; pautado em dimensões sociais, culturais, políticas envolvendo todo o conhecimento étnico.

<sup>2</sup> "Existem múltiplas formas de resistências e as respostas dadas pelos grupos sociais não devem ser classificadas de resistências. Existem também processos de acomodação, apropriação, consentimento, influência mútua e mistura entre todas as partes envolvidas" (LITTLE, 2002, p. 5). Estas situações representam muito bem as respostas das sociedades indígenas.

<sup>3</sup> "A tradução não implica algo fixo. É um tipo especial de conceito discursivo, na medida em que de-

sempenha uma tarefa distinta; busca compor oficialmente, dentro da estrutura de sua narrativa, uma relação entre passado, a comunidade e a identidade.

de. Ela depende do conflito e da controvérsia. É um lugar de disputa e também de consenso, de discurso e de acordo" (HALL, 2003, p. 89).

## Referências

- AZEVEDO, M. M. Diagnóstico da população indígena no Brasil. *Ciência e Cultura*. São Paulo: Unicamp, v. 60, n. 4, out. 2008. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000400010&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000400010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 26 jan. 2009.
- BRAND, A. Educação escolar indígena: o desafio da interculturalidade e da equidade. *Série-Estudos*, Campo Grande-MS, n.12, p.35-43, jul./dez. 2001.
- \_\_\_\_\_. Os desafios da interculturalidade e a educação infantil. In: *Rumbo a la Interculturalidad en Educacion*. México: Casa Abierta al Tiempo, 2002.
- BROSTOLIN, M. *El papel da educación en programas de desarrollo local en poblaciones indígenas*. 2005. Tese (Doutorado) H Universidade Complutense de Madri, Espanha, 2005.
- CARVALHO, I. M. *O povo Terena e a política de educação escolar indígena em MS*. 2001. Tese (Doutorado) H Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita", Franca-SP, 2001.
- FAGALI, E. Q. *Múltiplas faces do aprender: novos paradigmas da pós-modernidade*. São Paulo: Unidos, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A dinâmica relacional, a subjetividade, o múltiplo e o transitar na aprendizagem do adolescente da quinta série*. 2001. 250p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- FERNÁNDEZ, A. *Inteligência aprisionada*. Porot Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FLEURI, R. M. (Org.). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Interculturas: estudos emergentes*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.
- HALL, S. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- KÜPER, W. *Pedagogia intercultural bilingüe – experiências de la region Andina*. Quito/Equador: [s.n.], 1993
- LITTLE, P. E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Brasília: [s.n.], 2002. 31 p. (Série Antropologia).
- MANGOLIM, O. *Da escola que o branco faz à escola que o índio necessita e quer: uma educação indígena de qualidade*. Campo Grande: UCDB, 1999.
- OLIVEIRA, J. P. Uma etnografia dos índios misturados? In: \_\_\_\_\_. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

SILVA, A. L.; FERREIRA, M. K. L. (Orgs.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, 2001.

\_\_\_\_\_. *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: Global, 2001.

VARGAS, V. L. F. *A construção do território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e a opção*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2003.

**Recebido em janeiro de 2010.**

**Aprovado para publicação em abril de 2010.**